



Livio Dantas

DARLENE GLÓRIA

A premonição no nome



Só em parte William Shakespeare tinha razão ao se perguntar ("What's in a name?") o que havia num nome. Certo, nome é invólucro e o que interessa é o que está por dentro. Mas, com perdão do vate de Stratford-on-Avon, nomes há que deixam transparecer mais coisas do que suspeita nossa vã filosofia, e das quais a menos importante não será certamente uma forte premonição de fracasso ou de sucesso. Greta Garbo talvez estivesse ainda hoje numa chapelaria de Estocolmo, e não jubilada "cum dignitate" das lides cinematográficas, se tivesse permanecido Greta Gustafsson. E quem admitiria o temperamento impositivo e dominador de Joan Crawford sob o nome diáfano de Lucille LeSeur?

Com Arduíno Colassanti: Os Homens Que Eu Tive, realização de Tereza Trautman.



De Darlene Glória, cuja carreira parece estar escrita no próprio nome, pode-se dizer o mesmo. É ela uma estrela da mesma estirpe das grandes divas do cinema, que fizeram a magia e o esplendor do "star system" e das quais mal se consegue disfarçar hoje uma ponta de saudade. Para começar, Darlene inventou um nome artístico lançando mão dos mesmos recursos de metaplasmo utilizados por uma outra mulher de grande personalidade — Maria Magdalene von Losch — que, na década de 20, cunhou o apelido com que desfilaria na tela 30 e tantos anos de sofisticação. E assim como só existiu por várias décadas uma única Marlene, a Dietrich — a partir da qual proliferou toda uma geração de Marlenes "ersatzen" —, assim também não deverá existir, ao que se sabe,

nenhuma outra Darlene em disponibilidade artística, seja no Brasil ou por esse mundo afora.

Um pouco de Helena e um pouco de Maria, com o devido cuidado de trocar o M pelo D para que o anagrama não ficasse muito óbvio, e eis Darlene. Ao trissílabo eufônico veio se juntar o sobrenome legítimo, uma das palavras mais belas que o velho Latim engendrou e que passaria incólume para a língua de Camões, de Darlene e de todos nós: Glória. Aí está a premonição que Shakespeare não vislumbrou. Mas também — justiça se lhe faça — ele não cuidou de especular sobre o que havia... num sobrenome.

Prelúdio à parte, vejamos o que a presença de Darlene Glória tem significado para o cinema nacional, nesta fase em que lhe cabe intervir

como intérprete. Antes porém regridamos às raízes.

São José do Calçado — uma cidadezinha como tantas outras do interior do Espírito Santo. Curso primário, como toda menina. Curso ginasial, como algumas. Mas Helena Maria Glória Viana, lourinha inquieta, foi mais além: sonhava em se fazer professora e matriculou-se na Escola Normal "João Bley", de Cachoeiro do Itapemirim. Só que o sonho de professorinha não excluía o sonho mais forte de vida artística, de ser alvo de aplausos, de olhares e de sorrisos. Afinal, a mocinha de São José do Calçado sabia se olhar ao espelho e fazer um bom processamento dos próprios dados. Tudo de primeira: olhos, ouvidos, boca, garganta e nariz.

DARLENE GLÓRIA



Darlene coadjuvante em São Paulo S. A., de Luiz Sergio Person.

No cinema, via Lana Turner e Elizabeth Taylor fazendo das suas, com mais ou menos os mesmos petrechos. Na rádio, a popularidade de Emilinha Borba era mais que um estímulo, era um acicate. Nos palcos, a presença de Cacilda Becker deflagrava ondas magnéticas em quem tivesse, como Darlene, veias com sangue de artista.

E, então, o Rio. O Rio para o que desse e viesse. Deu rádio, deu teatro de revista, deu teatro de comédia e deu até circo — que o importante era manter acesa a centelha do sonho. E para isso Darlene tinha, até de sobra, talento e muita vontade de vencer. E o cinema não perdeu tempo em atraí-la. Ou melhor, atraíram-se mutuamente como a matéria atrai a matéria em razão direta da massa e em razão inversa do quadrado das distâncias. Não havia distâncias.

Foi ao cinema, por sinal, que Darlene deu o melhor de si, através de 16 interpretações que começam com **Um Ramo para Luíza**, passam por **Os Raptos**, **Choque de Sentimentos** (que lhe

deu o Saci de "melhor atriz coadjuvante" em 1966), **Os Paqueras**, **Lua-de-Mel e Amendoim**, **A Viúva Virgem**, para só citar os mais conspícuos, até chegar à consagração de **Toda Nudez Será Castigada**, que lhe deu a Coruja de Ouro e o Prêmio INC de "melhor atriz" de 1972.

Como se vê, uma carreira consolidada para quem teve como primeiro sonho ensinar o bê-a-bá numa escolinha de São José do Calçado. Mas estava escrito em seu nome outro destino. O destino de uma estrela de grandes olhos verdes, cabelos louros que escorrem em cascata, boca generosa que sabe se abrir num sorriso tímido como numa gargalhada, estrela que se traçou vencer e venceu. Dirão que ela se repete na personificação monocórdia de mulher livre, mais entregue aos instintos que ao raciocínio. Em contrapartida, quem já lhe ofereceu o papel de Soror Angélica, de Maria Quitéria, de Anna Nery ou da Princesa Isabel? Se vultos de tanta grandeza humana e cívica constituem uma sugestão, Darlene Glória tem estofamento bastante para aceitar o desafio, agradecer a lembrança e partir para outra Coruja de Ouro. Quem viver, verá.



Darlene Glória e Paulo Porto, Prêmios INC de "melhor atriz" e "melhor ator", por **Toda Nudez Será Castigada**.